

## ESCOLA BERÇO DAS DIFERENÇAS E DE EXCLUSÃO: UM ENFOQUE DO ESTEREÓTIPO CONTEMPORÂNEO

[Índice](#) [home](#) [Autores deste número](#)

Denise Naomi Ono

Gabriel Pinheiro Silva

**RESUMO:** A reflexão que é almejada neste artigo, relaciona-se com nossa sociedade consumista movida pelo mercado, onde a escola não fica imparcial. Ela assume um papel importante na formação de comportamentos de crianças e jovens. Pensando nesta questão, problematizamos neste artigo sobre o quanto que a escola reforça as relações sociais de exclusão em relação a estereótipos mais ou menos valorizados. Nesse estudo, contextualiza a relação da sociedade com pessoas diferentes baseados na pesquisadora Aranha (2001). Em seguida, estabelecemos uma relação com a história brasileira por meio da análise de um conto de Machado de Assis. Posteriormente analisamos a questão, pautados na vivência dos autores deste artigo. Para concluir, utilizamos a fábula escrita por Rubens Alves onde percebemos a discriminação, o estigma apresentado por Goffman (1988). Conceito este que consiste em fazer o indivíduo compreender-se como uma visão negativa de si mesmo, levando a baixa auto-estima, e a exclusão.

**Palavras chave:** Inclusão Social, Estereótipos, escola, discriminação

Pessoas lindas, com corpos perfeitos, rostos angelicais e olhar mágico? Seriam estas pessoas perfeitas o suficiente para serem superiores as outras?

Nem sempre na sociedade atual, questionamentos como estes se fazem presentes. Normalmente, os discursos acima são apenas validados e transmitidos culturalmente. Em consonância, por todo o momento parecemos crentes na idéia que devemos simplesmente queimar as bruxas. Estes são resquícios que carregamos desde os primórdios da existência da humanidade, que nos caracteriza como seres seletivos,

classificatórios, que excluem os diferentes. Envolvidos pelos paradigmas da relação da sociedade com as pessoas diferentes ou com deficiência, como denomina a pesquisadora Maria Salete Fábio Aranha, consideramos “normal” a dicotomia dos mundos diferente e comum. Aranha (2001) expõe a evolução dos paradigmas da relação do diferente e a sociedade.

Segundo a autora, no primeiro paradigma, da institucionalização, o diferente deve ser isolado da sociedade sendo internadas em instituições totais, para sua proteção, educação ou saúde. No paradigma seguinte, nomeado por Aranha (2001) como de Serviços, o diferente deve adequar-se para ter uma vida mais normal possível na sociedade, e por fim temos o paradigma de Suporte, onde o esforço para o diferente ter uma vida em sociedade como cidadão, deve ser da sociedade e do diferente. Pode-se notar, conforme a evolução dos paradigmas explicados, uma grande evolução do ser humano, onde passamos de uma exclusão sem qualquer problema de consciência, para uma inclusão parcial exigindo que o diferente mude, até a inclusão mais próxima do ideal, onde os dois lados, sociedade e diferente, adaptam-se para este encontro harmonioso.

Para que esta proposta de inclusão ocorresse, também houve uma evolução da visão do diferente, onde, tomando como referência Aranha (2001), primeiramente tínhamos alguém que precisava ser curado, consertado levado pela evolução da medicina; posteriormente alguém que precisava produzir em meio ao capitalismo, até chegarmos ao sujeito histórico-social que pela Declaração dos Direitos Humanos deve ser respeitado como parte da sociedade.

A luta para inclusão de pessoas com necessidades especiais é muito justa e realmente de primeira necessidade. Porém, não podemos deixar de debater a exclusão que o mercado alimenta para aumentar as riquezas para a classe dominante, ou seja, a exclusão vivida por aqueles que, fora dos padrões de normalidade estéticos, são levados a comprar e pagar para ficarem nesta perspectiva, normais. Este fato é muito bem descrito, nas palavras da jornalista e escritora Martha Medeiros (2007), colunista do jornal Zero Hora, ao comentar as palavras de um professor chamado Hermógenes:

“Todo mundo quer se encaixar num padrão. Só que o padrão propagado não é exatamente fácil de alcançar. O sujeito ‘normal’ é magro, alegre, belo, sociável, e bem sucedido. Bebe socialmente, está de bem com a vida, não pode parecer de forma alguma que está passando por algum problema... A normose não é brincadeira. Ela estimula a inveja, a auto-depreciação e a ânsia de querer o que não se precisa. Você precisa de quantos pares de sapato? Comparecer quantas festas por mês? Pesar quantos quilos até o verão chegar?...”

Enfim, tudo que é preciso para estimular o consumismo doentio pode ser alimentado por esta “normose” contagiosa.

Para acentuar ainda mais as vantagens de estar dentro dos padrões, temos as situações embaraçosas que vivemos quando: as carteiras escolares não estão adequadas por não alcançarmos os pés no chão, quando os livros de biblioteca ficam em altas estantes, quando existem estreitas catracas que não nos possibilitam passar, carteiras muito estreitas para acomodar nosso corpo junto com o material escolar, estreitos corredores de carteiras que nos levam a derrubar tudo ao passarmos, dentre outros. Todos estes exemplos são dificuldades por um pequeno grupo sobre o qual neste artigo, gostaríamos de refletir: os baixinhos e os gordinhos. Nossa reflexão será restrita ao ambiente escolar, pois do ponto de vista de Bourdieu em BONNEWITZ (2003), é este o lócus que reproduz a sociedade, intensificando ainda mais suas exclusões através violência simbólica, como percebemos em suas palavras: “Os resultados desses estudos são conclusivos: a escola, longe de reduzir as desigualdades sociais, contribui para reproduzi-las” (Bonnewitz, 2003, p113)

Para ilustrar esta reprodução da sociedade na escola, analisamos a obra de Machado de Assis que retrata o Brasil antigo, onde um garoto é conduzido a participar do sistema escolar que forma pessoas que se corrompam através de moedas, do mesmo modo que ocorre na sociedade capitalista.

Machado de Assis, em “Conto de Escola”, retrata a formação da sociedade em seus moldes capitalistas, baseando a sociedade em estereótipos e moldes rígidos, através de uma história corriqueira do período (1884), mostrando o aprendizado da vida na escola.

Repleto de ironias, o autor descreve um dia na vida de Pilar, um menino que ainda via o mundo de uma forma “pura”, que gostava de brincar e, convicto de suas capacidades, optou por ir à escola e não perder a aula.

O garoto chegou à escola apressado, antes do professor, sentando-se com os outros alunos após o olhar do mestre para a classe. Este passara uma lição aos alunos, que a realizavam em silêncio. Pilar, ligeiro, executou a tarefa rapidamente. O filho do professor, Raimundo, pediu ajuda a Pilar em troca de uma pratinha (uma metonímia, para uma moeda de prata), como remuneração. Outro colega, Curvelo, ao vê-los, denunciou-os ao professor que os repreendeu exemplarmente. Após o ocorrido, Pilar, no dia seguinte, decidiu procurar a pratinha que havia sido lançada pelo mestre pela janela. Porém, encontrou uma marcha passando pela rua e seguiu os soldados.

Enfim, Pilar conclui: *“E, contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...”*. Neste trecho percebemos a essência do conto, pois nele está contida a idéia principal de como a sociedade era totalmente baseada em moldes capitalistas e consumistas, ensinados desde a infância. Isto pode ser verificado através da metáfora do tambor, já que, o som produzido por ele faz as pessoas seguirem seu ritmo. Da mesma forma, assim funciona a escola, que molda as pessoas impondo os padrões e valores determinados pela sociedade.

Na época de Machado de Assis, as escolas eram rígidas e tinha-se uma visão de que a escola educava os filhos; por isso o uso da temida palmatória. Raul Pompéia bem descreve isto em “O Ateneu”. O mesmo é verificado através de Roberto Schwarz<sup>1</sup> *“Com risco de repetição, insistiremos ainda um pouco na ambivalência ideológica das elites brasileiras, um verdadeiro destino. Estes se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autêntica, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (a infração)”*.

Nota-se ainda no conto que o professor fita uma matéria no jornal que, provavelmente, demonstra sua tendência de uma latente corrente Esquerdista-Liberal. Isso pode ser

---

<sup>1</sup> Schwarz, Roberto. UM MESTRE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: MACHADO DE ASSIS. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990- pg. 41.

verificado através do texto, durante conflitos ideológicos entre conservadores, moderados e liberais. Sabe-se da possível corruptibilidade dos moderados, causadora da repudia, do ato da venda de si, da prostituição moral e de pensamentos que, no decorrer de anos, poderiam transformar o futuro de toda uma nação.

A ambivalência de valores é percebida quando Policarpo, o professor, repreende os garotos devido ao acordo feito. Ele, que no conto já fora citado como adepto de uma filosofia política diferente, poupava muitos garotos dos castigos. Porém, ficou indignado com este feito de seu filho e do colega. Ao punir a corrupção, acabou fortalecendo a idéia de que haja sempre um corruptor e um corrupto e também um delator, caindo assim nas impunidades éticas e morais do governo da época.

Outra questão abordada são as atitudes dos filhos, que se viam pressionados pelos pais. No conto, Raimundo faz este trato com Pilar, pois tem medo da atitude do professor que, ao saber de sua dificuldade na lição, além de ser bem mais rígido com ele, justamente por ser seu pai, ensinou-o, desde cedo, a conseguir seus objetivos sem se importar com a forma de como atingi-los.

O autor também apresenta em um simples conto escolar com crianças e uma surra na escola, uma fragilidade aparente nos ideais da sociedade, que incorporam a soberba do poder monetário e da influencia, com a corrupção que vem desde a escola, formando pessoas mais tolerantes a estas faltas de caráter e ética.

Além do exemplo da existência da reprodução social de exclusão pela escola contida nesta obra de Machado de Assis, acrescentemos a ilustração do assunto através de experiências de vida dos autores deste texto: Denise que se encontra rodeada de pessoas enormes e Gabriel considerando-se muito mais “fortinho” que a população mundial.

Estatatura baixa, hereditária, Denise, sempre a menor da classe, e com a diferença acentuada pelo fato de sempre ser a mais nova. Percebe-se ter sido uma pessoa considerada mais frágil e não tão capaz de acompanhar os colegas, principalmente em aulas de educação física. Refletindo este fato hoje, pensa que estes fatores podem ter até acentuado o caráter tímido, com certa insegurança e menos participativo. Por sorte do destino, teve várias pessoas que souberam ver o que tinha ao invés de apenas a falta de alguns centímetros, por exemplo, incentivo dos pais para prática

esportiva com determinação ajudava a superar suas limitações, e realização quando alcançava algum pequeno destaque dentro de suas possibilidades físicas. Hoje, como estudante universitária, sente o peso da idade ao ser necessário acomodar-se em carteiras onde os pés não apóiam no chão, causando dores nas costas, além de dificuldade de acesso a livros na biblioteca no alto entre outras situações.

Este relato pode ser entendido através da pesquisa mencionada abaixo, onde a influencia da estatura baixa sobre as representações psicossociais que levam muitos a procurar tratamento hormonal para a “cura” deste problema de altura, que em muitos casos podem ter efeito colateral:

Em nossa cultura, a estatura é relacionada com boa nutrição, bem-estar e status social. Desde os tempos mais remotos a altura tem sido relacionada a poder [...]

Para muitas pessoas, como os pais, a baixa estatura é considerada uma desvantagem. Crianças menores do que as outras da mesma faixa etária, segundo uma pesquisa, têm o dobro de chance de serem alvos de *bullying* [...] (PRADO, 2005, pg. 2 )

O GH é um hormônio e como tal, sua utilização tem conseqüências, não apenas no crescimento, mas de forma generalizada no organismo. O uso excessivo de GH pode causar efeitos colaterais como diabete e câncer no fígado. Além disso, pesquisas apontam que as crianças submetidas ao tratamento com hGH apresentam mais expectativa e mais baixa-estima relacionada à sua própria altura que as do grupo de controle, apresentando conseqüências psicossociais inversas ao esperado. (PRADO, 2004, pg. 3)

Desse modo, pode-se perceber que a principal maneira de inclusão deste grupo dos indivíduos de estatura baixa deve começar por uma mudança de postura cultural no interior de cada indivíduo, desligando a estética e o valor do indivíduo, como podemos perceber neste trecho da pesquisa (PRADO, 2004, p.3)

Lembrando que, na verdade, ser baixo ou alto depende exclusivamente do padrão de medida tomado como comparação, à pressão dos pais e da sociedade se daria, principalmente, por razões fundadas em estigmas e preconceitos do que deve ou não ser normal. A partir disso é gerada uma ansiedade nos indivíduos, que se sentem impelidos a buscar o ideal, o padrão, já que não querem ser um desvio. (PRADO, 2004, p.9)

Gabriel, sempre um garoto foi gordinho, e além de acima do peso, uma criança alta. Desde pequeno, teve que conviver com piadas e exclusões sobre seu peso e tamanho, realizou várias dietas tentando emagrecer. Era piada nas temidas aulas de Educação Física, utilizou de métodos diversos e extremos para emagrecer como a ingestão de laxantes e chás diuréticos, que somente acarretaram desidratações.

Com o passar do tempo, o corpo foi perdendo um pouco do foco e do destaque, mas ainda ocupa um espaço considerável, pois sempre se ouve pessoas comentando “Gordinho tem que ser animado, se for chato, ai que perdeu tudo...” “Vai, vai, se demorar ele é capaz de comer tudo” e piadas assim além de denegrir a varias pessoas no ambiente, afeta a todos acima do peso, pois todos viram alvo da piada proferida.

Pode-se entender que da mesma maneira, a valorização ou desvalorização tem cunho cultural. Em tempos passados, o gordinho era valorizado, símbolo até de riqueza, saúde, e hoje a valorização globalizada do magrinho é bem expressa no trecho da pesquisa:

“O mundo globalizado que diminui distâncias e espaços também ficou menor para os obesos. Em sua ambigüidade, a globalização disseminou os hambúrgueres e as fritas, que são os representantes máximos desse aumento de peso. Nestes tempos de "fast food" a obesidade ganha então uma nova dimensão, tornando-se um problema de saúde pública, saindo da polaridade feio x bonito ou aceito x excluído, para entrar na questão: morbidade x saúde.

Não há mais espaço para tantos excessos ou tanta gordura. Os obesos experimentam além da exclusão social e da falta de poder, uma baixa auto-estima que potencializa ainda mais os núcleos relativos à compulsividade, à ansiedade, às insatisfações sexuais e ao medo de se expor, tão presentes nesse processo de "engordamento". “Ainda assim,

mesmo quando obesidade é doença, quem está ali é gente, com personalidade, voz, humor, jeito.” (FREIRE, 2010, p. 2, 3)

Estas vivências vêm reforçar a mensagem que a fábula, de autoria desconhecida, citada por Fogli, nos leva a refletir sobre a inclusão social:

“Uma fábula

Certa vez os animais resolveram preparar seus filhos para enfrentar as dificuldades do mundo atual e, por isso, organizaram uma escola. Adotaram um currículo prático que constava de corrida, escalada, natação e vôo. Para facilitar o ensino, todos os alunos deveriam aprender todas as matérias.

O pato, exímio em natação (melhor mesmo que o professor) conseguiu notas regulares em vôo, mas era aluno fraco em corridas e escalada. Para compensar esta fraqueza, ficava retido na escola todo dia, fazendo exercícios extras. De tanto treinar corrida ficou com os pés terrivelmente esfolados e, por isso, não conseguia mais nadar como antes. Entretanto, com o sistema de média aritmética das notas nos vários cursos, ele conseguiu ser um aluno sofrível, e ninguém se preocupou com o caso do pobre pato.

O coelho era o melhor aluno do curso de corrida, mas sofreu tremendamente e acabou com esgotamento nervoso, de tanto tentar natação.

O esquilo subia tremendamente, conseguindo belas notas no curso de escalada, mas ficou frustrado no vôo, pois o professor o obrigava a voar de baixo para cima e ele insistia em usar os seus métodos, isto é, em subir nas árvores e voar de lá para o chão. Ele teve que se esforçar tanto em natação que acabou por passar com nota mínima em escalada, saindo-se mediocrementemente em corrida.

A águia foi uma criança problema, severamente castigada desde o princípio do curso, porque usava métodos exclusivos dela, fosse para atravessar o rio ou subir nas árvores. No fim do ano, uma águia anormal, que tinha nadadeiras, conseguiu a melhor média em todos os cursos e foi à oradora da turma.

Os ratos e os cães de caça não entraram na escola porque a administração se recusou a incluir duas matérias que eles julgavam importantes, como escavar tocas e escolher esconderijos. Acabaram por abrir uma escola particular junto com as marmotas e, desde o princípio, conseguiram grande sucesso.

(“autoria sem identificação”)

Ao mesmo tempo, contrapõe-se a este texto utilizado para reflexão em aulas de filosofia para criança, Rubem Alves, que traz um cenário de discriminação:



## “A Águia que quase virou Galinha

Uma Águia foi criada num Galinheiro. E foi aprendendo sobre o jeito galináceo de ser, pensar, de ciscar a terra, de comer milho, de dormir em poleiros...

E na medida em que aprendia, ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado. É sempre assim: todo aprendizado exige um esquecimento... E ela desaprendeu o cume das montanhas,

Os vôos nas nuvens,

O frio das alturas,

A vista se perdendo no horizonte,

O delicioso sentimento de dignidade e liberdade...

Como não havia ninguém que lhe falasse destas coisas, e todas as galinhas cacarejassem os mesmo catecismos, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com perturbação hormonal, tudo grande demais, aquele bico curvo, sinal certo de acromegalia, e desejava muito que seu cocô tivesse o mesmo cheiro certo do cocô das galinhas...

Um dia apareceu por lá um homem que vivera nas montanhas e vira o vôo orgulhosos das águias.

- Que é que você faz aqui? – ele perguntou.

- Este é meu lugar – ela respondeu.

- Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milho, ciscam no chão, botam ovos e finalmente viram canja: não se perde utilidade total...

- Mas você não é galinha, é uma águia.

- De jeito nenhum. Águia voa alto. Eu nem sequer voar sei. Pra dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens. É mais seguro ir andando, passo a passo...

E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até o homem, não agüentando mais ver aquela coisa triste, uma águia transformada em galinha, agarrou a águia à força e a levou até o alto de uma montanha.

A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão; jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado a memórias que ainda moravam em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranqüila dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado. “Ela finalmente compreendeu que seu nome não era galinha, mas águia...”

Contrapondo estes dois textos, os exemplos do conto de Machado de Assis, a vivência dos autores e a evolução da relação sociedade em relação ao deficiente, somos levados a refletir o quanto a escola está contribuindo para formar pessoas que não aceitam as diferenças dos outros, e nem valorizam a si mesmas, querendo cumprir um

currículo imposto que não se preocupa com as conseqüências físicas ou psicológicas que causam nas pessoas, que neuroticamente, procuram normalizarem-se, inconscientes de serem apenas marionetes que trazem lucros ao mercado.

Outros conceitos importantes correlacionados a esse tema são de estigma, identidade social real, identidade social virtual de Goffman (1988), onde estigma é visto como uma classificação que a sociedade impõe ao indivíduo (identidade social virtual), que nem sempre corresponde ao real, e acaba descaracterizando a verdadeira identidade do indivíduo, ou seja a identidade social real. Desta maneira, a sociedade lança uma visão negativa ao indivíduo, e caso ele acate deixa-se levar pela baixa auto-estima e, torna-se-á um alvo covarde da exclusão social.

Para concluir este artigo, propõe a necessidade de repensar a causa cultural da exclusão, levantando questões como: até que ponto o próprio indivíduo colabora para sua auto exclusão? Até que ponto nosso instinto de socialização precisa ser dominado para respeitar nosso individual? Será que ajudaria mais estar feliz consigo, agradecendo pelo que a natureza lhe ofereceu em contraposição a correr atrás das qualidades que o outro recebeu? Será que a escola precisa repensar o currículo oculto?

## REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Salete Fábio. **“Paradigma da relação da sociedade com as pessoas com deficiência”**. In: Revista do Ministério Público do Trabalho. ano XI. n. 21, março. 2001. P. 160-173

BONNEWITZ, Patrice. **Vamos reproduzir-nos socialmente: o papel da escola**. In: Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu.– Petrópolis, RJ. Editora Vozes. Cap 6. P.113-119. 2003

FOGLI, Bianca Fátima Cordeiro dos Santos, SILVA FILHO, Lucindo Ferreira da e OLIVEIRA, Margareth Maria Neves dos Santos de. **Inclusão na educação : uma reflexão crítica da prática** In: Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas de FOGLI, Bianca Fátima Cordeiro dos Santos, OLIVEIRA, Margareth Maria Neves dos Santos de, SILVA FILHO, Lucindo Ferreira da. 2.ed. São Paulo : Cortez, 2008. p.107-121

MEDEIROS MARTHA. Entrevista concedida para o Jornal Zero Hora em 05.08.2007. Porto Alegre – RS. Texto Disponível no site <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1888439>. Acesso em 11.11.2010.

# Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010  
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

OLIVEIRA, Margareth Maria Neves dos Santos de. **Inclusão na educação: uma reflexão crítica da prática.** In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas. São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO, Ana Gabriela Barbosa et al. **A influência da baixa estatura sobre as representações psicossociais.** IN. Ciências & Cognição. Vol 02: 50-60 . 2004; Disponível em: [http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v02/cec\\_vol\\_2\\_m13414.pdf](http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v02/cec_vol_2_m13414.pdf) . Acesso em: 20 set. 2010. 16h16 -

FREIRE, Dirce de Sá. **A exclusão social do obeso.** Disponível em: <http://www.acimadopeso.com/xclusaobeso.pdf>. Acesso em 12 out. 2010

SCHWARZ, Roberto, 1938-Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis/ Roberto Schwarz. – São Paulo: Duas Cidades, 1990. Pág: 41.

POMPÉIA, Raul- O Ateneu São Paulo: Moderna, 1984